

## Ecoss de Dostoiévski na “Morte de Ivan Ilitch”

Jean Carlo Faustino<sup>1</sup>

### Resumo:

*Este artigo se propõe a realizar uma análise preliminar da novela “A Morte de Ivan Ilitch” com base na sociologia de Norbert Elias que ao tratar do tema da morte, dentro de uma perspectiva de processo de transformações sociais de longo prazo, afirmou que sua experiência pode variar de sociedade para sociedade. Para ilustrar sua hipótese, Norbert Elias havia se utilizado de um conto de Tolstói. Aplicando agora, uma ação reversa, o presente artigo utiliza-se do texto de Elias com a finalidade de explicar as idéias que Tolstói apresenta em sua novela. Ao final, as conclusões da análise são confrontadas com a obra “O Idiota” de Dostoiévski com o objetivo de propor uma hipótese de diálogo ideológico e literário.*

**Palavras-chave:** Morte, Ivan, Ilitch, Dostoiévski, Tolstói

### Introdução

Como é notório, Tolstói viveu, assim como outros grandes romancistas do final do século XIX, num período de transição, onde seu país caminhava em direção à modernidade ao mesmo tempo em que convivia com formas tradicionais de experimentar e encarar a vida. “A Morte de Ivan Ilitch” é uma novela que mostra o encontro e o embate dessas duas diferentes maneiras de se lidar com um mesmo tema: o da morte.

Este artigo se propõe a realizar uma análise preliminar dessa novela com base na sociologia de Norbert Elias, cuja teoria social é conhecida justamente por enfatizar a percepção de processos de transformação social de longo prazo e que, neste sentido, possui um texto no qual afirma que a morte pode ser considerada como um tema sociológico.

*“Não só meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência da morte. É variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida.” (ELIAS, 2001, p. 11)*

Assim, se por um lado a morte é um fato inevitável na vida de cada indivíduo, por outro lado, a maneira de experimentá-la, isto é, de encarar os fatos que a antecedem e sucedem-na varia não somente de sociedade para sociedade como, também, nos diferentes grupos que a formam.

Curiosamente, para ilustrar sua hipótese, Norbert Elias utiliza-se, inclusive, do conhecido conto de Tolstói chamado “Amo e Criado”. Porém, neste, os dois personagens encontravam-se isolados no meio da neve limitando, assim, a exposição da experiência diferenciada da morte. Já em “A Morte de Ivan Ilitch”, a exposição é mais rica, pois há toda uma comunidade de amigos, parentes e criados que, à sua maneira, acompanham não somente a morte de Ivan como, também, o processo de sua doença até, inclusive, o momento do velório. Portanto, a meu ver, se trata de uma narrativa mais rica e adequada para ilustrar as reflexões sociológicas propostas por Norbert Elias, pois, como este disse, se a maneira de experimentar a morte é variável para cada sociedade, o que Tolstói nos oferece, em “A Morte de Ivan Ilitch”, é uma “fotografia” da maneira como determinados grupos a experimentam no final do século XIX.

## **Sistemas seculares e sua crise**

Que grupos sociais são esses presentes em “A Morte de Ivan Ilitch”? Logo no primeiro parágrafo da novela, Tolstói responde a esta questão mostrando uma conversa entre os magistrados do poder legislativo. Tratam-se dos colegas de trabalho de Ivan Ilitch, que, ao receberem a notícia da sua morte, começam imediatamente a pensar sobre o reflexo que ela teria sobre suas próprias promoções, pois, agora, uma vaga estaria livre na burocracia estatal. Com isso, Tolstói sintetiza imediatamente a maneira como um determinado grupo social encara a morte. E não se trata de um grupo social periférico, pois esta burocracia estatal era o principal destino daqueles que tinham acesso às melhores faculdades da época – como, inclusive, foi o caso de Dostoiévski, embora este tenha renunciado a esta carreira para se dedicar à literatura.

Mas, embora este grupo (e sua experiência diante da morte) seja predominante na novela de Tolstói, há ainda um segundo grupo que ganha relevância devido à oposição que faz ao sistema secular de crença presente no grupo social a que Ivan Ilitch pertence. Trata-se do grupo social dos camponeses, ou seja, do grupo representante das “raízes russas” que, na novela, é representado pelo criado Guerasime. Aliás, é este aspecto da crença que Norbert Elias apresenta como um dos principais fatores de diferenciação da experiência social da morte nas sociedades:

*“Nas sociedades mais desenvolvidas, como disse, a busca de ajuda em sistemas de crenças sobrenaturais contra o perigo e a morte se tornou menos apaixonada; em certa medida, transferiu sua base para sistemas seculares de crenças.” (ELIAS, 2001, p. 13)*

Dostoiévski possivelmente diria que essas “crenças sobrenaturais”, presentes no camponês russo (estrato social de origem do criado Guerasime), eram essencialmente cristãs (FRANK, 1992, p.192), mas, no texto de “A Morte de Ivan Ilitch” é difícil identificar não somente a origem dessa crença como, também, a maneira como ela influencia o jeito de agir de Guerasime. Não há evidências; apenas uma distinção muito marcada em relação ao grupo social em destaque na novela, ao qual pertencia o protagonista Ivan Ilitch.

E embora possa existir uma diferença entre a Rússia do século XIX e o que Norbert Elias chamou de “sociedades mais desenvolvidas”, o fato é que as classes “mais elevadas” da sociedade russa daquela época eram as principais portadoras das tendências sociais modernizantes presentes no país. Assim, pertencendo a um período histórico de transição social, Tolstói está, nesta novela, retratando não somente as dificuldades desta transição como, também, contrapondo a maneira “moderna” com a maneira “tradicional” de experimentar a morte na sociedade.

Como diz Norbert Elias, no trecho anteriormente citado, uma das características das “sociedades desenvolvidas” é a de transferir a busca de ajuda, para enfrentar a morte, das crenças sobrenaturais para os “sistemas seculares de crença”. E uma das bases desse sistema secular, além da pacificação das sociedades e do conseqüente aumento da expectativa de vida, é a prevenção e o tratamento das doenças. Muito embora, completa Elias:

*“É claro que, vista mais de perto, a situação revela quão tênue ainda é a segurança do indivíduo neste mundo.” (ELIAS, 2001, p. 14)*

E é justamente isso o que Tolstói mostra em sua novela quando seu protagonista, que levava uma vida tranqüila, de repente se vê enfermo e começa a recorrer a uma dessas bases dos novos mecanismos seculares, disponíveis nas “sociedades mais desenvolvidas”, para o enfrentamento da morte: a medicina.

*“(…) Praskóvia Fiodorovna [a esposa] disse-lhe que devia submeter-se a tratamento e aconselhou-lhe consultar um médico célebre.*

*Ivan Ilitch foi, pois, à casa do médico. Tudo ocorreu como esperava, isto é, como sempre acontece: a espera, o ar de importância afetada do médico, que Ivan Ilitch conhecia tão bem;”(TOLSTÓI, 1993, p. 924)*

A crença nos sistemas seculares pode ser, nesta citação, observada quando a esposa, Praskóvia Fiodorovna, recomenda que Ivan consulte um médico célebre. No entanto, ao notar a semelhança entre a impessoalidade do atendimento médico e do trabalho que o próprio Ivan Ilitch desempenhava no Palácio de Justiça, este deduziu que seu estado era bastante grave, mas, por outro lado, sabia também que isso pouco importava ao médico conforme mostra a continuação do trecho citado anteriormente:

*“Ivan Ilitch foi, pois, à casa do médico. Tudo ocorreu como esperava, isto é, como sempre acontece: a espera, o ar de importância afetada do médico, que Ivan Ilitch conhecia tão bem; a auscultação, as perguntas que exigiam de antemão umas respostas determinadas e evidentemente inúteis, assim como a expressão significativa que parecia dizer que bastava a pessoa submeter-se para que tudo ficasse resolvido, que ele tinha um meio de arranjar as coisas, sempre do mesmo modo, para qualquer pessoa que se apresentasse... Tudo era exatamente igual ao que ocorria no Palácio da Justiça. A mesma atitude que Ilitch adotava perante os acusados era adotada pelo doutor para com ele.*

*(...) Desse resumo Ivan Ilitch deduziu que seu estado era bastante grave e que tudo isso não dava a menor preocupação ao médico, nem, provavelmente, aos demais.” (TOLSTÓI, 1993, p. 924-925)*

Inicia-se, assim, o enfraquecimento da crença neste “sistema secular”. No entanto, Ivan Ilitch, talvez ainda por acreditar neste mecanismo de enfrentamento da morte, resolve consultar opiniões de outros médicos:

*“Naquele mesmo mês foi consultar outro médico eminente. Este lhe disse quase a mesma coisa que o primeiro, embora colocasse a questão de outro modo. Seu pronunciamento não fez mais do que aumentar as dúvidas e o temor de Ivan Ilitch. Um amigo de um colega seu – bom médico – diagnosticou sua enfermidade de forma completamente diferente. Embora fosse de opinião que se curaria, só conseguiu conduzi-lo a confusão e dúvidas maiores do que antes, por meio de suas perguntas e de suas hipóteses. Já o médico homeopata se manifestou de maneira diversa; deu a Ivan um remédio, que este tomava às escondidas, fazia já uma semana. Mas, não sentindo alívio algum, veio Ilitch a perder a confiança tanto nos medicamentos anteriores como no novo e caiu em grande prostração.” (TOLSTÓI, 1993, p. 927)*

Como se vê, embora Ivan Ilitch tivesse condições financeiras para consultar médicos eminentes, as diferentes opiniões deles acabaram deixando-o confuso. Sem encontrar uma resposta satisfatória, ele cai em prostração chegando, inclusive, a pensar em abdicar desta crença nos “sistemas seculares” para voltar-se para um “sistema sobrenatural” – muito embora tenha logo repellido esta perspectiva:

*“Um dia, uma senhora conhecida relatou uma cura devida a umas imagens. Ivan Ilitch notou, de súbito, que ouvia com atenção e tratava de comprovar a verossimelhança daquele fato. Assustou-se com aquilo. “Será possível que minhas faculdades mentais hajam enfraquecido tanto?” – disse a si mesmo. – Isto é absurdo. São tolices. Não devemos deixar-nos levar pelas dúvidas. É preciso escolher um médico e seguir suas prescrições. E é o que vou fazer. Acabou-se!” (TOLSTÓI, 1993, p. 927)*

Portanto, embora Ivan tenha sido “tentado” a adotar o “sistema tradicional” (ou sobrenatural) para combater a morte, ele logo desperta para o absurdo da situação – o que mostra a incompatibilidade da “maneira moderna” com a de uma formação social anterior, dentro de uma mesma sociedade. Obviamente, esses dois sistemas diferentes e opostos (de enfrentamento da morte) podem coexistir numa fase de transição social e até mesmo depois. Contudo, Ivan Ilitch pertencia ao grupo

social onde as tendências “modernizantes” encontravam-se mais presentes. Trata-se, enfim, da verificação do seguinte argumento apresentado por Norbert Elias:

*“Parece que a adesão a crenças no outro mundo que prometem proteção metafísica contra os golpes do destino, e acima de tudo contra a transitoriedade pessoal, é mais apaixonada naquelas classes e grupos cujas vidas são mais incertas e menos controláveis. Mas, em termos gerais, nas sociedades desenvolvidas os perigos que ameaçam as pessoas, particularmente o da morte, são mais previsíveis, ao mesmo tempo em que diminui a necessidade de poderes protetores supra-humanos.” (ELIAS, 2001, p.14-15)*

Ivan Ilitch, portanto, pertencia a este grupo social onde as ameaças e os perigos são mais previsíveis e onde a vida é experimentada com relativa tranquilidade (TOLSTÓI, 1993, p. 922). Tranquilidade esta abalada pela presença de uma surpreendente e fatal doença. Neste sentido, há ainda outros dois encontros, com médicos eminentes, que merecem ser destacados. No primeiro desses, Ivan já havia perdido a fé neste “sistema secular” – julgando que isto se constituía numa grande mentira:

*“Ivan Ilitch sabia perfeitamente que tudo aquilo não passava de absurdos e de enganos, mas, quando o médico se pôs de joelhos e, aplicando-lhe o ouvido sobre o peito, ora mais em cima, ora mais abaixo, adotou um ar importantíssimo e realizou por cima dele uma série de movimentos ginásticos, o doente submeteu-se a isso da mesma forma pela qual se submetia aos discursos dos advogados, mesmo quando sabia que mentiam e conhecia as razões de suas mentiras.” (TOLSTÓI, 1993, p. 939)*

Como se pode ver, neste trecho, Ivan Ilitch já acreditava que a afetação do médico não passava de uma grande mentira compartilhada por todos (a de que havia cura para sua doença). Mas, há uma última passagem que mostra um súbito renascer da crença secular de Ivan Ilitch: quando sua esposa, não poupando economias, chama um “famoso doutor” (*znamenityi doktoru*) para ajudar no tratamento do seu caso. A princípio, Ivan mostra-se igualmente cético. Porém, depois, parece se convencer da competência do “sistema secular”:

*“O médico célebre se despediu, com ar grave, mas não desesperançado. Quando Ivan Ilitch, timidamente, lhe perguntou se havia possibilidade de cura, erguendo para ele os olhos brilhantes de medo e de esperança, o doutor replicou que não podia assegurar nada, mas que havia alguma probabilidade. O olhar cheio de esperança com que o doente acompanhou o médico foi tão lastimoso que Praskóvia Fiodorovna verteu umas lágrimas ao sair do aposento para pagar os honorários ao famoso doutor.” (TOLSTÓI, 1993, p. 940)*

Contudo, o renascimento da esperança de cura durou pouco para Ivan pois, logo depois do famoso médico sair, as dores voltaram. A partir de então, nenhum médico lhe daria mais alívio ou esperança. Ironicamente, a última esperança que experimentou veio de um resquício do “sistema sobrenatural” de enfrentamento da morte – não necessariamente da crença neste sistema, mas, sim, da presença de um ritual tradicional.

*“Quando o sacerdote chegou e Ivan Ilitch se confessou, dulcificou-se, acreditou sentir-se aliviado a respeito de suas dúvidas e, portanto, de seus sofrimentos. Invadiu-o uma esperança passageira. De novo começou a pensar no ceco e na possibilidade de curar-se. Comungou com lágrimas nos olhos.*

*Depois que o deitaram, após a comunhão, por um momento sentiu-se bem; e novamente renasceu a esperança de viver. Meditou sobre uma operação que lhe haviam proposto. “Viver, quero viver”, dizia a si mesmo. A mulher veio felicitá-lo. (...)” (TOLSTÓI, 1993, p. 947)*

Curioso é notar, nesse trecho, que embora a comunhão ao moribundo seja um ritual da igreja

cristã, e pode, portanto, ser interpretada como parte do sistema de crença sobrenatural, a participação, nele, em vez de criar esperança numa vida além da morte (ou ao menos, num consolo para quem está morrendo) o que se obteve foi o fortalecimento da crença no “sistema secular” para se enfrentar a morte: “sobre uma operação que lhe haviam proposto” – diz o trecho anterior. Portanto, mais uma vez, Tolstói ressalta a incompatibilidade entre as antigas crenças e a nova maneira “moderna” de se viver, ou melhor dizendo, de se morrer.

Paradoxalmente, é a lembrança deste estilo de vida que desperta Ivan deste “estado de graça”, promovido pela comunhão, para um sentimento de ódio e revolta causado pela consciência de que tudo que “tem constituído e constitui tua vida é mentira e engano” (TOLSTÓI, 1993, p. 947). A partir de então, Ivan entra nas suas últimas horas, num estado final de desespero e dor, até finalmente expirar.

## **A Mentira Social**

A mentira (*loj'*), cuja consciência foi responsável por tirar Ivan Ilitch do sentimento de alívio para lhe despertar para o ódio e desespero final da sua vida, não foi algo repentino mas, sim, uma descoberta gradual que ele foi realizando ao longo de sua doença.

*“A mentira, aquela mentira adotada por todos, de que ele apenas estava doente, mas não para morrer, e de que bastava que ficasse tranqüilo e se cuidasse para que tudo se arranjasse bem, constituía o tormento principal de Ivan Ilitch. Sabia que, por mais coisas que fizesse, nada se obteria além de sofrimentos ainda maiores e da morte. Atormentava-o o fato de ninguém querer reconhecer o que todos sabiam, até ele mesmo; de quererem continuar mentindo a respeito de sua terrível situação e de o obrigarem a tomar parte em tal mentira.” (TOLSTÓI, 1993, p. 936)*

Tolstói revela, aqui, um fato social muito curioso, pois seria impraticável que todos formassem uma espécie de complô contra ele – combinando, previamente, a mentira que adotariam diante do doente Ivan Ilitch. Trata-se, portanto, de algo que só pode ser compreendido pelo viés de uma “convenção social”, isto é, de uma postura que é socialmente aprendida e praticada, alinhando-se, assim, com o pressuposto teórico de Norbert Elias cuja citação foi mencionada no início deste artigo mas que repito, a seguir, apenas para reforçar o pressuposto sociológico do tema em questão:

*“Não só meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência da morte. É variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida.” (ELIAS, 2001, p.11)*

E o texto de Norbert Elias ajuda a compreender melhor ainda esta mentira coletiva presente na novela de Tolstói, quando diz que é comum que, nas sociedades desenvolvidas, os indivíduos neguem a morte – e, conseqüentemente, o contato e afeição aos moribundos:

*“Aqui encontramos, sob forma extrema, um dos problemas mais gerais de nossa época – nossa incapacidade de dar aos moribundos a ajuda e afeição de que mais que nunca precisam quando se despedem dos outros homens, exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte. A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a idéia de sua própria morte.” (ELIAS, 2001, p.16-17)*

Norbert Elias diz ainda que, por trás dessa necessidade social de se acreditar na própria imortalidade, e da negação da inevitável morte de cada um, encontram-se fortes sentimentos de culpa recalcados – como, por exemplo, o desejo de morte por outrem e o medo de que os outros nos desejem o mesmo. Esta, inclusive, seria uma hipótese razoável para explicar por que os colegas de trabalho e profissão tanto negaram o contato com Ivan Ilitch, ao receber a notícia de sua morte que logo começaram a pensar no reflexo positivo daquele fato para suas próprias carreiras:

*“Excetadas as reflexões sobre possíveis nomeações e alterações no serviço,*

*como consequência desse falecimento, o fato propriamente dito da morte de um conhecido provocou em quantos receberam a notícia, tal como sempre ocorre, um sentimento de alegria, por haver morrido outro, e não eles.” (TOLSTÓI, 1993, p. 907)*

Como se pode ver, nesse trecho, o sentimento que inunda os colegas de trabalho de Ivan, ao saber de sua morte, não é o de tristeza, mas sim o de alegria “por haver morrido outro, e não eles”. Curioso, sobretudo, é notar que o narrador diz que esta reação, longe de ser algo muito particular, acontecia freqüentemente: “tal como sempre ocorre”.

Um desses colegas, inclusive, confessa que não lhe tinha visitado há muito tempo: “cada vez ia adiantando a minha visita” (TOLSTÓI, 1993, p. 907). Depois, dois colegas vão até o velório, mas somente para cumprir uma convenção social, pois o que eles queriam mesmo era sair de lá a tempo para reunirem-se, com outros amigos, a fim de jogar uma partida de *whist*.

Neste velório, inclusive, um dos colegas de Ivan cumpre as formalidades de cumprimentar a viúva e expressar um suspiro de lamento. A viúva, por outro lado, embora também cumprisse o seu papel, de esposa que lamenta a perda do marido, mostrou-se muito interessada em saber como obter o máximo possível de rendimentos do Estado por ocasião da morte de seu marido. Esses comportamentos após a morte de Ivan refletem, de fato, o tipo de atitude que ele recebeu durante sua época de padecimento: uma postura de incompreensão que fortalecia, neste moribundo, o sentimento de solidão.

*“Alguma coisa horrível, nova, importante como nunca lhe havia acontecido, estava-se realizando dentro de seu ser. E era ele o único a saber disso; os que o rodeavam não o compreendiam, nem queriam compreendê-lo, e pensavam que tudo continuava como sempre. Era isso o que mais fazia Ivan Ilitch sofrer. Sua família, principalmente a mulher e a filha, que se entregavam por inteiro à vida social, não entendiam nada e se irritavam porque Ivan Ilitch estava sempre de mau humor e se mostrava exigente, como se fosse culpado por isso.” (TOLSTÓI, 1993, p. 927)*

Note-se que não se trata aqui de uma mera incompreensão casual, pois o narrador diz, explicitamente, que as pessoas que rodeavam Ilitch “não queriam compreender” a sua situação. Há, no texto da novela, outros inúmeros exemplos da manifestação desta postura. Um exemplo bastante ilustrativo da falta de afeição que recebia da própria filha e da esposa pode ser observado neste trecho:

*“Ao [Ivan] regressar à casa, começou a contar à mulher o que o médico lhe dissera. Mas, quando estava na metade do relato, entrou a filha, de chapéu: preparara-se para sair com Praskóvia Fiodorovna. Fez um esforço para sentar-se e escutar as palavras aborrecidas de Ivan Ilitch, mas não as pôde suportar até ao fim, nem também a mãe, que disse:*

*– Bom, fico muito satisfeita. Agora, debes ter cuidado e tomar os remédios com toda a regularidade. Dá-me a receita; vou mandar Guerasime à farmácia. E foi mudar de roupa.” (TOLSTÓI, 1993, p. 925-926)*

Assim, todos pareciam não compreender a sua situação - com exceção, porém, de duas pessoas: o filho e Guerasime (TOLSTÓI, 1993, p. 941). No entanto, não consegui identificar, no texto da novela, a idade do filho de Ivan Ilitch. Mas, é bem possível que ele fosse muito novo para propiciar ao pai algum tipo de alívio para o seu sofrimento – tanto que não se observa nenhum discurso deste filho em toda novela e este trecho narra uma de suas raras aparições. De qualquer maneira, o último (e um dos únicos) gesto de afeição que Ivan recebe antes de morrer vem deste filho que, uma hora antes da morte do pai, lhe toma uma das mãos e leva até os lábios começando, em seguida, a chorar (TOLSTÓI, 1993, p. 948).

Já Guerasime é o criado que propiciou a Ivan o alívio e compaixão que ele ansiava receber dos demais. Guerasime, de origem camponesa é, portanto, representante daquele sistema de crença

que se opõe aos “sistemas seculares” modernos – o que pode ser observado ainda no início da novela, quando um colega de trabalho de Ivan Ilitch o encontra no velório:

“– Então, Guerasime? Estás pesaroso? – exclamou Piotre Ivanovitch, para dizer alguma coisa.

– Foi a vontade de Deus. Todos teremos de chegar a isso – disse o criado, deixando à mostra os dentes brancos e cerrados de camponês. (...)” (TOLSTÓI, 1993, p. 912)

Como se pode verificar, nesta citação, Guerasime (com exceção do próprio Ivan Ilitch) é o único que não nega o fato da morte. E o faz não só naquele momento no velório mas, também, antes durante o padecimento de Ivan chegando, inclusive, a reconhecer o fato diante dele. Talvez, justamente por reconhecer a gravidade da doença, Guerasime sacrificava-se a si próprio em troca do bem-estar de Ivan. Porém, mais do que isso, o narrador diz que Guerasime fazia isso por compadecer-se da situação de Ivan - o que representava um alívio para o sofrimento do moribundo:

“[Ivan] Via que ninguém se apiedaria dele, porque ninguém podia sequer compreender sua situação. O único que o entendia e se compadecia dele era Guerasime. Por isso, Ivan Ilitch só se sentia à vontade na companhia dele. Sentia-se bem quando Guerasime passava a noite inteira a segurar-lhe as pernas e não consentia em ir dormir, dizendo: “Faça o favor de não se preocupar, Ivan Ilitch. Depois eu terei tempo de descansar”. Ou também quando, sem mais nem menos, começava a tratá-lo por tu e lhe dizia: “Se não estivesses doente... Mas, estando, como não hei de servir-te?” O único que não mentia era Guerasime. Por todos os sinais, era evidente que só ele compreendia o que se passava, que não considerava necessário escondê-lo e que sentia compaixão pelo amo, esgotado e débil. Uma vez em que Ivan Ilitch instava com ele para que fosse descansar, chegou a dizer, cruamente:

— Todos nós temos de morrer um dia. Como poderei deixar de servi-lo agora?” (TOLSTÓI, 1993, p. 936)

Portanto, apesar do filho também compreender o sofrimento de Ivan Ilitch e de manifestar a sua afeição através do olhar e do gesto pelo qual leva as mãos do seu pai ao rosto, nos últimos momentos de vida deste, Guerasime é quem efetivamente irá exercitar a sua afeição por um tempo prolongado e de maneira dedicada. Pode-se, enfim, dizer que ele é o principal representante do “sistema tradicional” de se experimentar a morte – e não é de se estranhar que ele seja, também, de origem camponesa, pois sabemos da desconfiança com que Tolstói olhava para o “processo civilizatório”, isto é, ocidentalizante, de seu país.

Tolstói parece estar querendo dizer, dentre outras coisas, que a despeito de qualquer progresso ou promessa de desenvolvimento propiciado pelas tendências modernizantes do seu país, a maneira de experimentar a morte, nesta nova ordem social, era não somente insuficiente como cruel para quem está se despedindo da vida; e que, sob este aspecto, a maneira tradicional presente no campesinato – representante então do estilo de vida próprio de seu país – era ainda o mais satisfatório e humano.

## **Ecos de Dostoiévski**

Quando, em minha tese de mestrado (FAUSTINO, 2004), na análise que fiz do romance “O Idiota” de Dostoiévski, verifiquei a centralidade do sentimento de compaixão na proposta que o autor fazia para o seu tempo: uma ética do amor-compaixão (guiada pela convicção na importância deste valor moral) em oposição à proposta ética que era defendida por Tchernichévski e os niilistas (guiada pelos fins a serem alcançados e que recebeu o nome de “egoísmo utilitário”).

No final de meu trabalho de pesquisa do mestrado, deparei-me com um artigo que sugeria ecos do pensamento de Tolstói no romance, O Idiota, de Dostoiévski – sobretudo no que se referia ao aspecto educativo das crianças (ORWIN, 1999).

Perguntei-me, então, nas considerações finais de minha tese, se não seria possível encontrar também ecos do pensamento de Dostoiévski, expressos no romance “O Idiota”, em obras futuras de Tolstói. “A Morte de Ivan Ilitch” parece possuir indícios sobre a pertinência dessa hipótese, pois, ao longo de toda a novela, se verifica a centralidade do sentimento de compaixão – embora “às avessas”, ou seja, ele ganha relevância justamente por ser algo que não se encontra mais na sociedade em determinado grupo social conforme se deduz da seguinte narrativa:

*“Além daquela mentira, ou talvez por causa dela, o mais doloroso para Ivan Ilitch era que ninguém se compadecesse dele tanto quanto quisera. Em certos momentos, depois de haver sofrido prolongadas dores, desejava – embora se envergonhasse em reconhecê-lo – que se apiedassem dele como de uma criança doente.” (TOLSTÓI, 1993, p. 936-937)*

Como se vê, “o mais doloroso” no sofrimento pelo qual Ivan Ilitch passava era justamente a ausência de compaixão nas pessoas que o rodeavam. É como se ele vivesse numa sociedade onde a ética proposta por Tchernichévski tivesse prevalecido em detrimento daquela de Dostoiévski – proposta pouco menos de vinte anos antes da redação de novela de Tolstói.

Portanto, parece mesmo que Tolstói retomou e reelaborou a proposta ética de Dostoiévski. E não somente no plano ideológico como, também, no artístico, pois, se em “O Idiota” a proposta de compaixão não se realiza no plano ideológico (PEACE, 1992, p.70), já que a idéia naufraga em “A Morte de Ivan Ilitch” ela se realiza justamente por estar ausente. E esta ausência cria um grande vazio no qual seu protagonista (e também o leitor) se debate em uma náusea solitária e vã convencendo-se, assim, de sua necessidade.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ELIAS, Norbert. “A Solidão dos Moribundos” in “A Solidão dos Moribundos, seguido de “Envelhecer e morrer”. Tradução de Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001.
- [2] FAUSTINO, Jean Carlo. “A Ética do Amor em Dostoiévski: análise sociológica do romance “O Idiota”. Tese de Mestrado. FFLCH/UNICAMP, 2004.
- [3] FRANK, Joseph. *Pelo Prisma Russo: ensaios sobre literatura e cultura*. Tradução de Paula Cox Rolim, Francisco Achcar. São Paulo. Edusp, 1992.
- [4] ORWIN, Donna. *The Return to Nature: Tolstoyan Echoes in The Idiot*. The Russian Review, 58 (January 1999), 87-102.
- [5] PEACE, Richard. Dostoevsky – An Examination of the Major Novels. London, Great Britain. Bristol Classical Press, 1992.
- [6] TOLSTÓI, Leão. *A Morte de Ivan Ilitch in “Leão Tolstói: Obra Completa em três volumes”*. (tradução de Milton Amado). Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, terceira edição, 1993. (primeira edição, 1961).
- [7] TOLSTÓI, L.N. *Smert Ivana Ilitcha*. Sobranie Sotchineni, vol. 12. Moscou. Khudojestvennaia Literatura, 1964.



---

**Autor**

<sup>1</sup> Jean, FAUSTINO, mestre  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Sociologia  
[jeancarlofaustino@gmail.com](mailto:jeancarlofaustino@gmail.com)